

Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação

Look, listen and sense: modes of narrative research in education

Elizeu Clementino de Souza¹

Universidade do Estado da Bahia
esclementino@uol.com.br

Mariana Martins de Meireles²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia Bahia
marianabahiana@hotmail.com

¹ Pesquisador 1C CNPq. Bolsista Capes, processo no 88881.120884/2016.1. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC-UNEB). Coordenador do GRAFHO (Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral). Pesquisador associado do Laboratoire EXPERICE (Université de Paris 13- Paris 8). Membro do Conselho de Administração da Association Internationale des Histories de Vie en Formation et de la Recherche Biographique en Education (ASIHIVIF-RBE).

² Professora do Centro de Formação de Professoras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB). Doutora e Mestre em Educação e Contemporaneidade, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO). Membro do Observatório em Educação do Vale do Jiquiriçá (OBSERVALE). Sócia da BIOgraph e da ANPEd.

Resumo

Ao adotarmos uma perspectiva metafórica do olhar e escutar, procuramos discutir aspectos teóricos relacionados ao processo de construção do conhecimento implicado, entrecruzando questões sobre pesquisar e narrar, no domínio da pesquisa (auto)biográfica. O texto toma como centralidade o mapeamento de produções desenvolvidas no Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral, situando dispositivos de pesquisa utilizados no campo dos estudos (auto)biográficos e suas articulações a noções conceituais, como uma das possibilidades de não cegueira epistemológica, segundo outros modos prováveis e possíveis de pensar-fazer pesquisa nos espaços formativos existentes na interface universidade-escolas da educação básica. A discussão apresentada situa princípios epistemológicos e metodológicos da abordagem qualitativa de pesquisa, implicando em outra lógica para se pensar a pesquisa e a formação, face às possibilidades de colocar-se em um processo de escuta e de partilha de conhecimentos e histórias sobre o vivido, desvelando saberes tácitos ou experienciais, mediante dispositivos de metacognição ou metarreflexão de conhecimentos construídos sobre si e a própria vida-formação. A cartografia construída sobre os modos próprios de trabalho com dispositivos e fontes (auto)biográficas de pesquisa revela maneiras outras de pensar-fazer ciência, na contemporaneidade, ao assumir o qualitativo, o subjetivo, o pós-colonial como perspectivas metodológicas outras, através de ações colaborativas de pesquisa implicadas no campo educacional.

Palavras-chave: Pesquisa (auto)biográfica. Narrativas e formação. Dispositivos de pesquisa. Análise de narrativas.

Abstract

From a metaphoric perspective of looking and listening, we seek to discuss theoretical aspects related to knowledge construction involved in these processes, interweaving issues regarding research and the act of narrating in the realm of (auto)biographical research. The text focuses on the mapping of written production generated from the (Auto)biography, Formation and Oral History Research Group, situating mechanisms of research used in the field of (auto)biographical studies and their articulations within conceptual notions. This maneuver is presented as one of the possibilities of epistemological non-blindness, as another probable and possible mode of conceiving-conducting research within the interface between the educational spaces in the university and schools of basic education. The discussion presented situates epistemological and methodological principles of qualitative research that entail an alternate logic with which to think about research and education. This logic maintains the possibility of being positioned to listen and share knowledge and stories about life, revealing tacit knowledge or experiences, through mechanisms of metacognition or metareflection of knowledge constructed about oneself and about lifelong learning itself. The cartography constructed about the work-ways themselves with mechanisms in and sources of (auto)biographical research revealing other ways of conceiving-conducting science in contemporaneity, by adopting the qualitative, the subjective, the post-colonial with other methodological perspectives, through collaborative activities and entailed in research in the field of education.

Keywords: (Auto)biographical Research. Narratives and education. Research mechanisms. Narrative analysis.

Imagens refletidas e o conhecimento de si: notas introdutórias

Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições. Tomou-me tempo, desânimos, esforços. Dela me prezo, sem vangloriar-me. Surpreendo-me, porém, um tanto à-parte de todos, penetrando conhecimento que os outros ainda ignoram. O senhor, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tenha idéia do que seja na verdade — um espelho? Demais, decerto, das noções de física, com que se familiarizou, as leis da óptica. Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo. Fixemo-nos no concreto. O espelho, são muitos, cantando-lhe as feições; todos refletem-lhe o rosto, e o senhor crê-se com aspecto próprio e praticamente imudado, do qual lhe dão imagem fiel. Mas — que espelho? Há-os “bons” e “maus”, os que favorecem e os que detraem; e os que são apenas honestos, pois não. E onde situar o nível e ponto dessa honestidade ou fidedignidade? Como é que o senhor, eu, os restantes próximos, somos, no visível? O senhor dirá: as fotografias o comprovam. Respondo: que, além de prevalecerem para as lentes das máquinas objeções análogas, seus resultados apoiam antes que desmentem a minha tese, tanto revelam superporem-se aos dados iconográficos os índices do misterioso. Ainda que tirados de imediato um após outro, os retratos sempre serão entre si muito diferentes. Se nunca atentou nisso, é porque vivemos, de modo incorrigível, distraídos das coisas mais importantes. E as máscaras, moldadas nos rostos? Valem, grosso modo, para o falquejo das formas, não para o explodir da expressão, o dinamismo fisionômico. Não se esqueça, é de fenômenos sutis que estamos tratando. (ROSA, 2005, p. 113-114)

Não vês que o olho abraça a beleza do mundo inteiro? [...] E janela do corpo humano, por onde a alma especula e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um Tormento [...] Ó admirável necessidade! Quem acreditaria que um espaço tão reduzido seria capaz de absorver as imagens do universo? [...] O espírito do pintor deve fazer-se semelhante a um espelho que adota a cor do que olha e se enche de tantas imagens quantas coisas tiver diante de si. (DA VINCI, s/d)

Estes fragmentos narrativos, muito embora pertençam a autores e períodos distintos, são tomados metaforicamente, neste trabalho, a partir de duas perspectivas que dialogam entre si. A primeira diz respeito ao espelho, tema principal do conto de Guimarães Rosa (2005), onde, ao ultrapassar a imagem refletida do sujeito, faz pensar sobre a condição do ser, deixando entrever, por um lado, o questionamento sobre a “mesmice” do olhar e, por outro, a insurgência de outros modos de ver a existência humana. Esta transcendência nos faz pensar sobre o olhar, em um jogo de ver o que não se vê e deixar de ver o que sempre se vê. A segunda perspectiva, relaciona-se com este olhar espelhado, refletido, condicionado e subjetivo, que se desvela na poética de Leonardo da Vinci. Para este autor, os olhos são comparados a uma janela/espelho por onde se percebe/abraça a si mesmo, o mundo e o universo.

De certo modo, estas narrativas indagadoras, ao situarem o *olhar* e o *espelho*, traçam reflexões sobre a existência, sobre o ser ou não ser, sobre os muitos que somos e os tantos mundos que podem ser descortinados, se ampliamos os modos de olhar/ver. É

possível, então, ver com outros olhos, enxergar sob outros pontos de vista. Com esta abertura, introduzimos o debate sobre outros paradigmas científicos, questionando lógicas hegemônicas que engessam, epistemológica e metodologicamente, o modo como olhamos os diversos objetos de pesquisa e construímos conhecimentos por meio deles. Nessa perspectiva, ver, entrever, escutar, sentir, partilhar histórias e experiências podem ser tomados como movimentos epistemológicos que, por um lado e de certa forma, buscam superar a “cegueira epistemológica” (OLIVEIRA, 2007) presente em modernas abordagens de pesquisa, e, por outro, se aproximam das singularidades e subjetividades dos sujeitos, através de modos emergentes de fazer ciência.

É neste sentido que, no campo educacional, as pesquisas (auto)biográficas nascem e se articulam a partir de princípios da pesquisa qualitativa e da constituição de outros modos de ver/escutar/narrar a vida e as aprendizagens-experiências que se inscrevem nos domínios da formação dos adultos, de professores em processos de formação inicial ou continuada, mas também das formas diversas que as narrativas têm assumido no cenário contemporâneo. Sendo assim, as múltiplas formas de expressão do ato narrativo (escrita, oral, imagética, digital) revelam e desvelam ações cotidianas, reflexões sobre o público e o privado, demarcando os movimentos propulsores das experiências, das histórias individuais e coletivas de pessoas simples, de intelectuais, de professores, de crianças, jovens e adultos. Destaca-se nesse ínterim, as diversas maneiras de como os sujeitos narram a vida, significando-a através das marcas formadoras e dos sentidos que lhe são atribuídos, quando elaboram e partilham suas histórias.

As pesquisas (auto)biográficas adotam e comportam uma variedade de fontes e procedimentos de recolha, podendo ser agrupadas em duas dimensões, ou seja, os diversos *documentos pessoais* (autobiografias, diários, cartas, fotografias e objetos pessoais) e as *entrevistas biográficas*, que podem ser orais ou escritas. De fato, as biografias são bastante utilizadas em pesquisas na área educacional, como fontes históricas, devendo cada texto escrito ser utilizado como um objeto de análise, considerando-se, sobretudo, o contexto de sua produção, sua forma textual e o seu conteúdo em relação ao projeto de pesquisa a que se vincula. Ainda assim, as pesquisas biográficas partem do princípio de que a educação se caracteriza como uma narratividade (GENOVESI, 2002) intersubjetiva, recolocando a subjetividade como uma categoria heurística e fenomenológica de tal abordagem.

Atualmente, a ampla utilização da pesquisa (auto)biográfica, em diferentes áreas das ciências humanas e da formação, ancora-se em princípios epistemológicos e

metodológicos da abordagem qualitativa de pesquisa, implicando em outra lógica para se pensar a formação, mediante a possibilidade de colocar-se em um processo de escuta e de partilha de conhecimentos e histórias sobre o vivido, que revela saberes tácitos ou experienciais, mediante dispositivos de metacognição ou metarreflexão de conhecimentos construídos sobre si e sobre a própria vida-formação-profissão.

O presente texto vincula-se a um trabalho investigativo que tem como finalidade discutir a urgência/emergência de outras maneiras de fazer ciência, na contemporaneidade, que assumem o qualitativo, o subjetivo, o pós-colonial como perspectivas metodológicas outras. Para tanto, elegemos a abordagem (auto)biográfica como centralidade deste debate, a partir de um levantamento das produções (teses e dissertações) desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO/PPGEduC/UNEB), objetivando discutir os modos próprios como temos operado com diferentes dispositivos de pesquisa, no domínio dos estudos (auto)biográficos, e suas contribuições para formas outras de pensar colaborativamente processos de construção de conhecimento implicado.

Pesquisa (auto)biográfica: dimensões epistêmico-metodológicas

[...] os estudos com as histórias de vida em formação e as narrativas autobiográficas, ao priorizar o humano situam-se numa perspectiva epistemopolítica.
(PASSEGGI; SOUZA, 2017, p. 11)

Ao priorizar o humano e seus estatutos singulares, os movimentos de ver, escutar, sentir, elaborar e socializar conhecimentos ampliam as perspectivas de conceber/fazer pesquisa. No âmbito dos estudos modernos, priorizou-se a observação e a comprovação, ou seja, o olhar como sentido único e válido dos processos de investigação. Ao acionar outros sentidos (sentir, ouvir, ver) prenes de princípios deontológicos,³ epistemológicos e políticos, a pesquisa (auto)biográfica insurge, talvez, como um modo fecundo para superar as “cegueiras epistemológicas” sobre/com as humanidades dos sujeitos.

Algumas questões registradas por Passeggi e Souza (2017), nos ajudam a pensar sobre a abordagem (auto)biográfica e suas “transgressões” no campo da pesquisa.

[...] que conhecimento acadêmico descolonizado é possível gerar a partir de narrativas autobiográficas, numa perspectiva epistemopolítica e posdisciplinar, e qual é a

³ Para o aprofundamento de tal questão, consultar a Carta da ASIHVIF-RBE. Disponível em: <http://www.biograph.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=65&Itemid=74>.

relevância desse conhecimento para ampliar horizontes de investigação científica mais humanas, promotoras de saberes de resistências, de solidariedade, interrogando a reflexividade autobiográfica como modelo hermenêutico de compreensão do mundo humano [...]. (PASSEGGI; SOUZA, 2017, p. 23)

O trabalho com a pesquisa (auto)biográfica tem se desenvolvido a partir desta densidade indagadora, buscando ouvir, compreender e apreender experiências de vida de uma diversidade de sujeitos implicados em contextos educacionais e sociais. Esta opção epistêmico-metodológica advém justamente da possibilidade de acessar mundos individuais e coletivos, através dos modos próprios como os sujeitos narram e dão sentido a suas experiências. Ao narrar suas histórias e tecer redes de significação de suas experiências, os narradores são capazes de produzir um “conhecimento de si” (SOUZA, 2006) do ponto de vista ontológico e social.

O argumento central que mobiliza o uso da narrativa (auto)biográfica, enquanto perspectiva de pesquisa, ancora-se na possibilidade privilegiada de compreender tais experiências, que entrecruzam o pessoal e o social, em um movimento singular de produção de conhecimento, que extrapola os traçados rígidos, fechados e quantificáveis da ciência moderna. Tal abordagem metodológica faz parte de um extenso universo de pesquisas que utilizam as narrativas dos sujeitos “[...] através da tomada da palavra como estatuto da singularidade, da subjetividade” (SOUZA, 2006, p. 27).

Com o advento dos métodos (auto)biográficos nas ciências sociais, em princípios do século XXI, e, posteriormente, nas pesquisas educacionais, anuncia-se um período de resignificação da subjetividade humana, onde as pessoas passam do estatuto de objeto das análises para o de sujeitos protagonistas da investigação. Assim, tendo em vista as demandas dos sujeitos sociais, em seus diversos contextos, consolidou-se, no início do século XXI, a perspectiva qualitativa de pesquisa, possibilitando a emergência de outros métodos e diferentes abordagens, havendo, nas palavras de Bachelard (1993), um alargamento dos quadros de conhecimento por ora impostos. Atrelado a essas novas demandas das ciências sociais surge, no campo da pesquisa qualitativa, o método (auto)biográfico que respalda o trabalho com a pesquisa narrativa.

Nesse sentido, tal perspectiva metodológica alinha-se aos estudos de vertente qualitativa, desenvolvidos no âmbito das ciências sociais. Assim sendo, por considerar fenômenos eminentemente humanos e situados em um contexto, o campo da pesquisa narrativa demarca outros movimentos epistemológicos e paradigmáticos, que envolvem princípios ontológicos, éticos e subjetivos. Tais princípios têm origem no paradigma

emergente que, segundo Santos (2006), assumiu a subjetividade e os dados qualitativos como perspectiva mais adequada para compreender os sujeitos e contextos sociais.

A pesquisa com as histórias de vida nasce das experiências empreendidas pelos pesquisadores da Escola de Chicago⁴ (COULON, 1995), ao tomarem, naquele momento histórico, anos 20 e 30 do século passado, como objeto de estudo histórias individuais e coletivas de migrantes e também fontes não usuais (cartas, diários, fotografias, autobiografias) mediante movimentos de implicação e distanciamento entre pesquisadores e colaboradores, implicando em compreensões simbólicas, valores e costumes diante das interações sociais vividas pelos sujeitos e suas relações com questões políticas e estruturantes da sociedade capitalista.

A complexidade da vida urbana, o processo de imigração na sociedade americana e os avanços advindos da industrialização acirraram conflitos nos grandes centros urbanos, dando origem a vários problemas nas cidades e no cotidiano dos sujeitos, em suas dimensões pessoal e coletiva. Dos anos de 1930 aos nossos dias, diferentes percursos e trajetórias foram construídos pela pesquisa qualitativa até que se firmasse no espaço acadêmico e ganhasse seu estatuto de cientificidade. A princípio buscou-se pesquisar problemas relacionados à imigração, criminalidade, delinquência e à condição operária, com base em um modelo de ciência objetivo, mensurável e referendado em métodos quantitativos. A sociologia americana de Chicago não somente desenvolveu pesquisa empírica, como também cunhou uma sociologia qualitativa, utilizando novos métodos originais de investigação, como os documentos pessoais, cartas, diários, fotografias, junto a um trabalho de campo sistemático, no sentido de estudar a sociedade em seu conjunto.

A escola de Chicago não estava preocupada tão somente com a utilização de novos métodos de pesquisa que possibilitassem descrever e analisar as implicações da crescente imigração, no período industrial do início do século XX na sociedade americana, mas partia de outra concepção de ciência que se contrapunha à quantificação, às leis, generalizações e explicações gerais dos fenômenos sociais. A sociologia compreensiva nasce da afirmação de uma ciência social tomando a interpretação e as experiências dos indivíduos em contextos sociais, em uma perspectiva interacionista.

⁴ A origem e as influências da sociologia de Chicago dos anos 1920/30 constituem a gênese da nova sociologia americana, notadamente por contribuírem com uma nova perspectiva epistemológica, no campo da emergente abordagem qualitativa de pesquisa, em diferentes campos do conhecimento. De fato, a Escola de Chicago é influenciada pelo pragmatismo de Dewey, pelo interacionismo simbólico de Mead e pelas pesquisas desenvolvidas por Park, Sanfler, Garfinkel e Boas. (COULON, 1995)

A coexistência da abordagem quantitativa e qualitativa nos anos de 1920 e 30 e as implicações geradas no espaço das pesquisas sociais, após a Segunda Guerra Mundial, fazem eclodir e legitimar as pesquisas quantitativas com procedimentos tácitos e ideologicamente postos face à utilização de métodos experimentais, desenvolvidos no âmbito das ciências físicas e biológicas, como forma de investigar fenômenos e fatos sociais. A complexidade das relações sociais, os problemas constituídos no pós-guerra demarcam movimentos de resistência e ruptura com os métodos experimentais, mas também com a forma de compreender a ciência.

As mudanças paradigmáticas e as rupturas que se instalam no âmbito das ciências sociais desde o início do século XX fazem emergir o interesse pelo estudo de aspectos subjetivos concernentes à vivência dos atores sociais, em diferentes áreas do conhecimento, uma vez que as diferentes disciplinas, com base em seus problemas de pesquisa e diante da impossibilidade metodológica de compreender e interpretar problemas sociais com referência aos métodos experimentais, buscam, a seu tempo e diante de suas necessidades, romper com os paradigmas estabelecidos de investigação, construindo modos particulares e próprios de pesquisar os problemas sociais.

Essas transformações ocorrem no campo da educação, historiografia, sociologia, literatura, antropologia e psicologia social, valendo-se das experiências e resistências construídas pela Escola de Chicago. A *história nova* (LE GOOF, 1996; BURKE, 1991; 1992), por sua vez, demarca no campo da historiografia uma tendência que, segundo Burke (1991), influenciada pela *Escola dos Annales*, faz oposição aos métodos tradicionais de investigação e aos princípios referentes à história corrente, baseada em uma história factual, descontextualizada e centrada em narrativas tradicionais, propondo uma história-problema. Nesse embate teórico e metodológico, a *história oral*, enquanto campo da *nova história*, abriu possibilidades para que o *indizível* na voz do ator social fosse investigado a partir das narrativas, lembranças, memórias e implicações com o vivido, fugindo ao estático do documento escrito.

Em 1960, a Sociologia também buscou romper com a padronização dos métodos de investigação pautados na objetividade e racionalidade metodológica. Sofrendo diferentes embates teórico-metodológicos, a Sociologia, com base na etnometodologia e sua derivação da fenomenologia, encontrou espaço mais favorável para garantir a validade epistemológica dos etnométodos, o que possibilitou reafirmar ainda a abordagem qualitativa, abrindo espaço para que a subjetividade fosse constituída como objeto de investigação. No campo da educação, a pesquisa esteve durante muito tempo atrelada ao binômio racionalidade metodológica e objetividade, de forma que a abordagem qualitativa

é recente, neste contexto de pesquisa, que, ainda hoje, padece de estudos meramente quantitativos sobre diversos aspectos, desde os pedagógicos até os sistêmicos.

Cabe destacar, nesta contextualização, que a pesquisa (auto)biográfica nasce de uma tradição fenomenológica constitutiva do social, com base em um enraizamento antropológico e ancorando-se na descrição densa de Geertz (1989), no interacionismo simbólico de Mead (1982), na dramaturgia social de Goffman (2011) e nas implicações teórico-epistemológicas da Escola de Chicago. Por isso, parte essencialmente de uma teoria do social, de como as pessoas compreendem e resolvem seus problemas sociais e cotidianos, através dos modos como vivem, experienciam e narram suas histórias individuais e coletivas. A utilização da história de vida e do método autobiográfico é recente na área educacional. Sobre tal questão, afirma Nóvoa (2000), que os métodos biográficos, a autoformação e as biografias educativas começaram a ser utilizados a partir do final dos anos de 1970, o que demarca outras percepções sobre o percurso de formação, bem como se confronta com os métodos dominantes no cenário da pesquisa educacional.

A revalorização das autobiografias instaura-se no campo da história social, especificamente, com a viragem e as contribuições teórico-epistemológicas da história cultural (CHARTIER, 1990) e seu interesse pelo cotidiano, o pessoal, o privado, o familiar e suas representações e apropriações, seja na história da educação ou em outros campos educacionais, a partir do estudo da história do currículo, das reformas educativas, das práticas e culturas escolares, da feminização da profissão, do processo de profissionalização e das práticas docentes.

Por meio do método (auto)biográfico e, por conseguinte, de suas perspectivas epistêmico-metodológicas, compreende-se a experiência humana e suas (re)significações como estruturas fundantes do processo de narrar. Nesse sentido, a produção da narrativa torna-se um ato, uma disposição ontológica, pois os sentidos produzidos pelos sujeitos sobre si e sobre seus mundos sociais revelam modos de apreensão e interpretação do vivido. Nesse sentido, a produção da narrativa torna-se um ato, uma disposição ontológica. Isto porque os sentidos produzidos pelos sujeitos sobre si e sobre seus mundos sociais revelam modos de apreensão e interpretação do vivido. Tais narrativas colocam em evidência a experiência humana, marcada por motivos, escolhas, valores e

princípios que orientam as ações dos narradores, que, ao assumirem a “condição biográfica”,⁵ anunciam compreensões de si, circunscritas a um espaço social.

Conforme destaca Delory-Momberger (2012a, 2012b), a pesquisa biográfica ocupa-se dos processos de gênese e de devir dos sujeitos vinculados a um espaço social. Para tanto, busca compreender os modos como os sujeitos dão forma a suas experiências e como significam os acontecimentos de sua existência, sendo que o vivido e o narrado são atravessados pelo tempo, instaurando uma “temporalidade biográfica” (DELORY-MOMBERGER, 2012a). Nesse sentido, a pesquisa (auto)biográfica constituiu-se enquanto uma perspectiva peculiar de investigação, permitindo capturar, compreender e interpretar experiências humanas, inscritas em uma realidade espaço-temporal.

O princípio que orienta e funda a pesquisa (auto)biográfica é de que toda experiência humana pode ser anunciada, elaborada sob a forma de uma narrativa, visto que, desde sempre, o homem encontrou maneiras de contar histórias. Nesse tipo de pesquisa, os sujeitos falam de si e de seus percursos com detalhes, disponibilizando informações importantes sobre suas existências. Desse modo, as narrativas “[...] coletadas em processo de pesquisa centram-se nas trajetórias e experiências dos sujeitos, são marcadas por aspectos históricos e subjetivos frente às reflexões e análises construídas por cada um sobre o ato de lembrar” (SOUZA, 2014, p. 43).

Ao narrar experiências pessoais e coletivas, os sujeitos elaboraram conhecimentos sobre si e sobre seus mundos sociais, possibilitando por meio de suas experiências a construção de um conhecimento singular. Nesse sentido, “a narrativa perspectiva uma forma autêntica de revelar coisas sobre a vida humana. As histórias são narradas com palavras e sentidos, revelados a partir da experiência de quem conta sua história” (MEIRELES, 2015, p. 288). Essa partilha de sentidos, “testemunha algo que só o sujeito conhece” (ARFUCH, 2010, p. 72). As histórias vividas e contadas pelos sujeitos permitem que os narradores (re)signifiquem o próprio percurso existencial.

Tal processo ocorre a partir de uma seleção dos eventos existenciais que os sujeitos escolhem narrar, atribuindo-lhes significação através de um trabalho hermenêutico de (re)significação das experiências e (re)existências. Em uma virada epistêmico-política, a narrativa é tomada como um modo particular de produção de conhecimento. Nesse sentido, deixa de ser vista como uma mera repetição de histórias e passa a ser compreendida como parte da biografia do narrador que, ao dotá-la de sentido,

⁵ Em um sentido antropológico, remete a uma das dimensões constitutivas da experiência humana: a capacidade que tem o ser humano de configurar narrativamente sua existência e de biografar sua experiência singular do mundo histórico e social. (DELORY-MOMBERGER, 2012b, p. 17)

a transforma em experiência, em conhecimento. Para Bertaux (2010, p. 89-94), “uma narrativa de vida não é um discurso qualquer: é um discurso narrativo que se esforça para contar uma história real. [...]. Pode-se argumentar que toda biografia traz a marca da subjetividade do seu autor”.

Dessa maneira, as narrativas tornam-se relevantes, pois, como reitera Goodson (2000, p. 71), “as experiências de vida e o ambiente sociocultural são obviamente ingredientes-chave da pessoa que somos, do nosso sentido do eu”. A narração da experiência, imersa em estruturas de significações produzidas, insere-se em um campo de realidade fronteira, implicando, de um lado, o sujeito que narra e, do outro, o sujeito que escuta. Nesse sentido, “a linguagem deixa de ser concebida, unicamente, como instrumento de expressão do pensamento para ser entendida como fator estruturante das visões de mundo, um modo de perspectivar a realidade” (PASSEGGI; SOUZA 2017, p. 9).

Com base nas reflexões epistemológicas aqui apresentadas, observa-se que a pesquisa com narrativas, através do método (auto)biográfico, se insere em um campo investigativo que legitima outros modos de produção de conhecimento, a partir de um movimento hermenêutico, subjetivo e qualitativo, contribuindo, assim, para a consolidação de novas formas de se conceber a pessoa humana e as perspectivas de pesquisa sobre/com ela. Não se trata, portanto, de considerar a realidade revelada como uma verdade única, mas como possibilidade de produção de um outro conhecimento, talvez mais próximo dos sujeitos, dos contextos e da produção da existência narrada.

Pesquisa (auto)biográfica e Educação: uma cartografia em constituição

As narrativas propõem uma nova episteme, um novo tipo de conhecimento, que emerge não na busca de uma verdade, mas de uma reflexão sobre a experiência narrada, assegurando um novo posicionamento político em ciência, que implicam princípios e métodos legitimadores da palavra do sujeito [...]. (PASSEGGI; SOUZA 2017, p. 11)

Em levantamento feito no banco de teses e dissertações da CAPES e, também, publicadas no site do GRAFHO (2007-2018), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC/UNEB), mapeamos a emergência de uma variedade de objetos de estudo desenvolvidos com a utilização de diversas fontes de pesquisa (auto)biográfica, conforme descrevemos a seguir.

Ano de defesa	Título	Fonte(s)
2018	Habitar o sertão: ruralidades contemporâneas e fenômenos educativos em Canudos Velho	Entrevista Narrativa Fotografia
2017	“Travessias” de aluno de escola da roça a professor de universidade: percursos de vida e trajetórias de formação	Entrevista Narrativa Memorial
2016	Iniciação à docência e construção de percursos profissionais: narrativas e práticas	Entrevista Narrativa
2015	Docência e memória: narrativas de professores de escolas rurais multisseriadas	Entrevista Narrativa
2014	Histórias cruzadas de professores: memórias de letramento e de práticas pedagógicas em escolas rurais	Ateliê Biográfico Documentação narrativa
2014	Memorial de formação: dispositivo de pesquisa-formação no/do estágio supervisionado.	Ateliê Biográfico Memorial
2013	Quem é da roça é formiga!”: histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais	Entrevista Narrativa Memorial
2012	O tempo escolar e o encontro com o outro: do ritmo a simultaneidade.	Entrevista Narrativa

Quadro 1 – TESES GRAFHO/PPGEduC/UNEB (2012-2018)

Fonte: Elaboração dos autores (2018).

Disponível em: <<http://www.grafho.uneb.br/novo/publicacoes/teses/>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

As oito teses defendidas no âmbito do GRAFHO/PPGEduC/UNEB (2012-2018) utilizaram como perspectiva metodológica a pesquisa (auto)biográfica. Quanto às fontes de recolha de dados, evidenciamos uma predominância das entrevistas narrativas, bem como o uso de ateliês biográficos e memoriais de formação. Assim sendo, enquanto as entrevistas centram-se em narrativas orais, os ateliês e os memoriais priorizam as escritas de si, como um dispositivo de pesquisa-formação da vida, da formação e da profissão dos colaboradores vinculados a diferentes pesquisas.

Ano de defesa	Titulo	Fonte(s)
2018	Sou rural, sou gente, tenho identidade: cultura, cotidiano e narrativas de alunos de escola rural.	Entrevista Narrativa
2016	Da leitura de si para a leitura em si: narrativas e práticas leitoras de professoras de classes multisseriadas do município de Amargosa/BA	Entrevista Narrativa
2016	Ser professor do ensino médio rural: condições de trabalho da professora-mediadora do EMITEC.	Entrevista Narrativa
2016	Desenvolvimento profissional docente: formação e inserção profissional das egressas do curso de Letras Língua Espanhola – Uneb/Campus I	Entrevista Narrativa
2015	Professoras de classes multisseriadas: condições de trabalho docente no Território de Identidade do Baixo Sul Baiano	Entrevista Narrativa
2015	Narrativas infantis em escolas rurais: aprendizagens e espaços de formação.	Entrevista Narrativa
2014	Tessituras das diversidades: cultura(s) no cotidiano da escola de um território rural-quilombola	Entrevista Narrativa Grupo de Discussão
2013	Macabéas às avessas: trajetórias de professoras de geografia da cidade na roça – narrativas sobre docência e escolas rurais.	Entrevista Narrativa
2013	Histórias de vida de professoras alfabetizadoras: espaços de vida-formação.	Entrevista Narrativa Ateliê Biográfico
2012	Histórias de vida-formação de educadores baianos: interfaces com a educação na Bahia (1930-1980).	Entrevista Narrativa
2011	Fios entrelaçados das narrativas de formação: estágio supervisionado e docência em Geografia	Narrativas (auto)biográficas escritas
2010	Professoras da zona rural: formação, identidade, saberes e práticas	Entrevista Narrativa Memoriais de Formação
2010	Trajetoórias e narrativas de professoras de educação infantil do meio rural de Itaberaba-Ba: formação e práticas educativas	Entrevista Narrativa
2009	Histórias de mestras, memória e identidade: o significado de ser professora do Instituto de Educação Gastão Guimarães	Entrevista Narrativa
2009	Histórias de vida e o abandono da profissão docente: entre partidas e chegadas	Entrevista Narrativa
2009	Imagens de ex-normalistas do Colégio Nossa Senhora do Carmo sobre a formação docente.	Entrevista Narrativa Pesquisa documental
2008	Histórias de vida de professoras de língua portuguesa: dilemas e saberes da profissão docente.	Entrevista Narrativa Ateliê Biográfico Cartas
2007	De “babás de luxo” a professoras: narrativas autobiográficas, formação e docência na educação infantil.	Entrevista Narrativa
2007	Olga Mettig: história de vida, percursos formativos e pensamento pedagógico	Entrevista Narrativa Pesquisa documental

Quadro 2 – DISSERTAÇÕES GRAFHO/PPGEduC/UNEB (2007-2018)

Fonte: Elaboração dos autores (2018).

Disponível em: < <http://www.grafho.uneb.br/novo/publicacoes/teses/>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

No que se refere às dissertações vinculadas ao GRAFHO/PPGEduC/UNEB, defendidas no período de 2009-2018, mapeamos dezenove dissertações. Os trabalhos adotam a pesquisa (auto)biográfica como principal perspectiva metodológica, utilizando, como dispositivos de pesquisa, as entrevistas narrativas, cujo papel é central, aliadas ao trabalho com fotobiografias, ateliês biográficos, memoriais, documentação narrativa de experiências pedagógicas, grupo de discussão e pesquisa documental, transitando entre fontes orais e escritas na construção das narrativas de si.

Ao mapearmos as produções e os modos como são utilizados os dispositivos de pesquisa, em aderência a noções conceituais da pesquisa (auto)biográfica, objetivamos situar questões teórico-metodológicas apropriadas, tomando-os como uma das possibilidades de não cegueira epistemológica, segundo outros modos prováveis e possíveis de pensar-fazer pesquisa, na interface dos espaços formativos da universidade-escolas de educação básica.



Figura 1 – Fontes (auto)biográficas
Fonte: GRAFHO (2018).
Elaboração dos autores (2018).

Este mapeamento revela uma cartografia diversa, constituída por *narrativas orais* (entrevista narrativa, ateliê biográfico, grupo de discussão), *narrativas escritas* (memorial, documentação narrativa) e *narrativas imagéticas* (fotografia). Apresentamos, a seguir, uma breve descrição de cada uma das fontes cartografadas e modos como temos operado com esses dispositivos no contexto da pesquisa-formação.

A *entrevista narrativa* é uma entrevista individual onde os sujeitos falam de si e de seus percursos, disponibilizando informações importantes de suas existências. Desse modo, a entrevista narrativa é reconhecida como um gênero de pesquisa sociolinguístico, sendo concebida como um dispositivo vinculado à pesquisa qualitativa, configurando-se como uma entrevista específica não estruturada, de profundidade, constituindo-se enquanto um dos *corpora* fundantes da pesquisa (auto)biográfica, conforme revelou o mapeamento realizado. Nesse tipo de entrevista, o sujeito possui um tempo necessário para responder às provocações, com poucas interrupções do entrevistador, que o deixa livre para expor sua história, a partir de um recorte significativo de sua experiência de vida (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2010). Em uma dimensão heurística, funda um movimento fronteiro, “que age sobre cada um dos envolvidos: o espaço do entrevistado na posição de entrevistador de si mesmo; o espaço do entrevistador, cujo objeto próprio é criar as condições e compreender o trabalho do entrevistado sobre si mesmo” (DELORY-MOMBERGER, 2012a, p. 527).

O *ateliê biográfico* é compreendido como um espaço-fonte de produção de dados biográficos. Trata-se de uma experiência realizada em grupo, com inspiração nos trabalhos de Delory-Momberger (2006). Nos trabalhos analisados, os ateliês têm como objetivo favorecer a construção de um projeto pessoal, a partir da biografização e da heterobiografização. Neles as narrativas (auto)biográficas são tomadas como um objeto de reflexão e socialização, e, em assim sendo, ao tomar como recurso os marcadores temporais (passado-presente-futuro) espera-se que o sujeito se projete naquilo que quer ser e proponha a si, em um espaço e tempo definidos, um projeto pessoal profissional. Nas dissertações e teses analisadas o ateliê constituiu-se como um espaço-tempo para a escuta e a produção de narrativas (auto)biográficas, e, de modo geral, nos ateliês, as escritas de si aconteciam através da elaboração de memoriais de formação, possibilitando aos atores-autores uma reflexão sobre os saberes da experiência e transformando, assim, saberes implícitos em conhecimento, através de um movimento heurístico e autopoético de reinvenção e (re)descoberta de si.

A escrita de *memoriais* através de ateliês biográficos, de modo geral, organiza-se nos trabalhos analisados a partir de três dimensões: heurística, hermenêutica e autopoética. A *dimensão heurística* apresenta-se por provocar a reflexão e o exercício de autoconhecimento, proporcionando o diálogo entre o processo de formação e as experiências daqueles que elaboram uma narrativa de si. A *dimensão hermenêutica*, por promover o exercício de interpretação dos percursos formativos, consubstanciando essa ação através da escrita. A *dimensão autopoética*, por sua vez, relaciona-se à capacidade

que cada autor-ator tem de recriar a vida e se reinventar através do texto escrito (SILVA, 2014). Nessa perspectiva, o memorial configura-se nas pesquisas narrativas como um dispositivo de pesquisa-formação, possibilitando que cada sujeito, ao narrar sua trajetória, reflita sobre suas experiências e biografie seus percursos de vida-formação. Nesse sentido, a construção de um “conhecimento de si” (SOUZA, 2006) está implicada ao “[...] escopo da noção de escrita e a concebe como a ação cognitiva com a qual se desenha, antes de qualquer traço, a figura de si” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 17). Assim sendo, no memorial, a evocação da experiência vivida torna-se formativa à medida que os narradores dão forma e sentido à narrativa, relacionando-se com um conjunto ordenado de experiências.

Ao tematizar o grupo de discussão, Weller (2006) sistematiza questões teóricas sobre tal perspectiva metodológica, que se assenta em princípios da pesquisa social empírica, conforme utilizada por pesquisadores da Escola de Frankfurt. O grupo de discussão adota noções conceituais do “interacionismo simbólico, na fenomenologia social e na etnometodologia –, caracterizando-se, dessa forma, como um método e não apenas como uma técnica de pesquisa de opiniões” (WELLER, 2006, p. 244). Sua configuração enquanto método de pesquisa assenta-se em processos interativos, mediados pelos discursos, narrativas, representações dos modos como, individual e coletivamente, os sujeitos narram experiências. A utilização do grupo de discussão como método ou técnica de pesquisa tem possibilitado entradas diversas e análise de questões geracionais, intergeracionais, de gênero, sociais e culturais, através de relações estabelecidas entre pesquisadores e o grupo envolvido na pesquisa (crianças, jovens, adultos), revelando *habitus* coletivos do próprio grupo. O grupo de discussão tem como objetivo “a análise dos epifenômenos (subproduto ocasional de outro) relacionados ao meio social, ao contexto geracional, às experiências de exclusão social, entre outros” (WELLER, 2006, p. 247). O grupo de discussão tem sido bastante utilizado em pesquisas que focalizam a juventude e também em estudos sobre a formação de professores, possibilitando a construção de histórias e representações de determinado tema e das representações e *habitus* dos participantes sobre a questão que mobiliza a discussão.

A documentação narrativa de experiência pedagógica configura-se como um dispositivo epistêmico-político-pedagógico, na vertente da investigação-formação-ação, cunhada por Suárez (2016; 2015; 2012; 2011; 2007). Tal perspectiva epistêmico-metodológica assenta-se em princípios da etnografia em educação, da investigação narrativa e (auto)biográfica e da investigação-ação-participativa, em diálogo com questões da formação e do desenvolvimento profissional docente, em uma perspectiva horizontal

entre pares, que adota a indagação, mediada por disposições de escrita, socialização (leituras e comentários entre pares) e publicação de documentação narrativa de docentes em formação inicial ou continuada. Uma rede de pesquisa, que implica pesquisadores e docentes, tem marcado experiências singulares, no contexto argentino do trabalho com documentação narrativa, através do processo de construção de narrativas, em articulações de sindicatos, coletivos de docentes e docentes que fazem investigação desde o cotidiano da escola.

O trabalho formativo centrado na documentação narrativa parte da ideia geral de que são os docentes narradores de suas próprias histórias e experiências pedagógicas e profissionais, mediante a coparticipação entre pares, implicando uma estratégia de investigação-formação-ação vinculada ao desenvolvimento profissional docente e aos saberes pedagógicos centrados nas experiências escolares, contribuindo para a redefinição de políticas públicas de formação, do currículo, da avaliação e da própria formação, face ao modo como os docentes narram, escrevem, socializam, reescrevem e publicam suas experiências narrativas, no contexto da vida-formação-profissão.

A documentação narrativa organiza-se a partir de ateliês de oralidade, escrita, reescrita e publicação de experiências pedagógicas coparticipadas, implicando processos compartilhados de questões de ensino-formação, com ênfase em dimensões relacionadas a princípios das pesquisas (auto)etnográficas, (auto)biográficas e narrativas do mundo escolar, mediadas por processos de (auto)formação entre docentes que questionam e propõem outros modos de pensar e fazer educação.

No que refere à *fotografia*, esta se constitui, no âmbito da pesquisa (auto)biográfica, como narrativa imagética. Enquanto escritura da realidade, “representa uma categoria de experiência que permite, ao lado de outras formas de percepções vividas [...], interpretar situações e acontecimentos” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 114), experienciados pelos sujeitos em um contexto público e privado, pessoal e social. Essa experiência narrada visualmente coloca em jogo diferentes instâncias enunciativas, figurativas e perceptivas, apresentando desdobramentos polissêmicos e heurísticos. Nesse sentido, a fotografia não se configura como uma representação da vida, ela escreve a vida, à medida que, ao operar a máquina e registrar determinada imagem, a pesquisadora biografava o cotidiano, e, depois, no outro momento, ao examinar a fotografia, ela a biografava de novo, atualizando a relação que possui com tal imagem. De certo modo, ao capturar “mundos sensíveis”, a fotografia permite um alargamento do objeto investigado, instaurando outros sentidos e interpretações. Auxilia, portanto, a elaboração de reflexões suscitadas pelos elementos apresentados, articulando-se com as práticas cotidianas e as

histórias narradas. Ao possibilitar a escritura do cotidiano, a fotografia apreende traços mais sensíveis não captados pela narração escrita/oral. Sendo assim, ao (des)articular o olhar e o trabalho investigativo, torna-se uma força potente, desestabilizando reflexões fixas e desvelando sutilmente novas indagações sobre o pesquisado.

Do olhar aos modos de analisar: acenos finais...

A análise de narrativas ainda representa um desafio no campo das pesquisas (auto)biográficas, uma vez que, ao buscar compreender as singularidades dos itinerários biográficos, se abrem diversas e complexas possibilidades de compreensão- interpretação. Por essa razão, pesquisadores narrativos têm buscado, a partir de uma virada hermenêutica, realizar uma análise, na perspectiva de vislumbrar os sentidos que são postos, pelos próprios narradores, do processo de contar e interpretar as histórias narradas. Por isso, o trabalho analítico não se ocupa em interpretar o evento biográfico, enquanto transitório, mas busca, por sua vez, compreender-interpretar a sua significação. (RICOUER, 1976).

Na análise de fontes biográficas, prioriza-se o conhecimento hermenêutico produzido pelos narradores que buscam articular experiências narradas, dimensões heurísticas e suas subjetividades. Na apreciação de dados de base hermenêutica, compreende-se que é o próprio sujeito que seleciona os elementos biográficos narrados, pois é ele que, cuidadosamente, organiza as estruturas de significação dos acontecimentos. Assim, os modos de produção e compreensão de sentidos deslocam-se subjetivamente, a partir de um exercício propriamente hermenêutico:

[...] que ordena cada um dos elementos de sua experiência segundo a percepção totalizante que ele tem de si mesmo e do desenrolar de sua vida: como no círculo hermenêutico onde o todo e partes estão numa relação de significação recíproca. O Eu da narrativa põe em forma os acontecimentos e as experiências, e entre eles, os outros e a pluralidades de seus discursos, e torna visível o processo de individuação e de formação pelo qual o sujeito constrói seu ser social singular. (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 291)

Nessa conjuntura, cada sujeito, ao tomar a si mesmo como objeto de reflexão, opera com o fenômeno figurativo da perspectiva hermenêutica, a partir de um trabalho de reflexividade biográfica. Tal movimento de autoanálise permite que cada sujeito construa um ponto de vista particular sobre si e o mundo. De certo modo, nas narrativas que ensejam o desvelamento de si, cada narrador torna-se seu próprio hermeneuta, explicitando, através de processos de subjetivação, sua própria compreensão da

existência. Assim sendo, a narrativa configura-se, pois, como um momento epifânico de revelação de si. Quanto ao pesquisador, talvez “não possa fazer nada a não ser ‘contar’ por sua vez aquilo que lhe ‘contam’ os relatos dos outros. É pouco e é muito, é o preço de uma ciência ‘humana’ – e é seu tesouro” (DELORY-MOMBERGER, 2012a, p. 535).

As discussões construídas por Souza (2014; 2006) e Meireles (2015) apresentam de maneira detalhada a análise compreensivo-interpretativa de diferentes fontes narrativas e (auto)biográficas, o que, sem dúvida, marca investimentos de trabalhos no domínio dos estudos (auto)biográficos. Evidentemente, para além do processo de produção da diversidade de fontes que comporta as pesquisas no campo dos estudos (auto)biográficos, o momento de análise reverte-se de fundamental importância, tendo em vista a centralidade das histórias, experiências e narrativas dos sujeitos colaboradores, em processo de pesquisa e/ou formação, quando socializam suas trajetórias e percursos.

De certo modo, neste empreendimento hermenêutico, “a experiência experienciada como vivida, permanece privada, mas seu sentido, a sua significação, torna-se pública” (RICOUER, 1976, p. 27-28). Nesse sentido, ao elaborar uma compreensão de si e de seus itinerários biográficos, através da significação da experiência, os narradores produzem um “conhecimento de si” (SOUZA, 2006), entrecruzando dimensões experienciais nas interfaces entre as esferas pública e privada, individual e coletiva, da vida.

No que se refere à análise das fotografias, o trabalho mapeado ancora-se especificamente em ideias apresentadas por Barthes (1984). Este autor desenvolve uma semiologia da fotografia, procurando saber o que a fotografia é “em si”, e o que a distingue das outras imagens. Esse caminho, sensivelmente traçado por Barthes, tornou-se relevante na análise das fotografias, uma vez que o autor busca chegar à essência da fotografia através de ações que são movidas por sentimentos: “vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (BARTHES, 1984, p. 39).

Como apontamento e reflexão final, destacamos cotidianamente diferentes aprendizagens que temos construído em processos de pesquisa, de formação inicial e/ou continuada, bem como modos em que pesquisadores e formadores vão se apropriando de questões epistêmico-metodológicas e aprofundando-as em domínios diversos da pesquisa narrativa, na vertente dos estudos (auto)biográficos. Ressaltamos, também, os devidos cuidados éticos e os investimentos necessários em práticas e movimentos de formação que tomam como centralidade os diferentes modos como os sujeitos vivem, narram e se formam, através de suas experiências singulares e coletivas, como constitutivas da narrativa e da pesquisa (auto)biográfica, mediante o trabalho de

reflexividade, temporalidade e de experiências biográficas que estão implicadas aos atos de *viver, narrar e formar*, bem como nos sentidos: *olhar, escutar e sentir*.

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. Tradução de Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

BURKE, Peter. (Org.). *A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales*. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 121-139.

COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Tradução de Tomás R. Bueno. São Paulo: Papyrus, 1995.

DELORY-MOMBERGER, C. *As histórias de vida: da invenção de si ao projeto de formação*. Tradução Albino Pozzer. Natal, EDUFRN; Porto Alegre EDIPUCRS; Brasília EDUNEB, 2014.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 51, p. 523- 536, set./dez. 2012a.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada*. Tradução de Carlos Eduardo G. Braga, Maria da Conceição Passeggi e Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2012b.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa*, v. 32, n. 2, p. 359-371, mai./ago. 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo/projeto*. Tradução e revisão científica de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Tradução de Vera Mello. São Paulo: LTC, 1989.

GENOVESI, Giovanni. La escuela como narratividade. In: BENITO, Agustini E.; DÍAZ, José M. H. (Comp) *La memória y el deseo: cultura de la escuela y educación deseada*. Valencia: Tirant, 2002. p. 245/263.

GOODSON, Ivor. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António. (Org). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. p. 63-78.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo, 18^o ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho Guareschi. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 90-113.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MEAD, George Herbert. *Espiritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductismo social*. Buenos Aires: Paidós Studio básica, 1982.

MEIRELES, Mariana Martins de. Entrevista narrativa e a hermenêutica de si: fontes de pesquisa (auto)biográfica e perspectivas de análise. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). *(Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação*. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 285-296.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António. (Org.). *Vida de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. p. 11-30

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. *Revista Investigación Cualitativa*, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017. Disponível em: <<https://ojs.revistainvestigacioncualitativa.com>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 98, p. 47-72, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1976.

ROSA, João Guimarães. O espelho. In: ROSA, J. G. *Primeiras estórias*. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 113-120.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 4. ed. São Paulo, 2006.

SILVA, Arlete Vieira da. *Memorial de formação: dispositivo de pesquisa-formação no/do estágio supervisionado*. 2014. 262 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativa de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. *Revista Educação UFSM*, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 85-104, jan./abr. 2014.

SUÁREZ, Daniel H. La documentación narrativa de experiencias pedagógicas y la democratización del campo educativo en Argentina. In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAHÃO, Maria Helena M. Barreto; FERREIRA, Marcia Santos. (Orgs.). *Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica*. Curitiba: Editora CRV, 2016. p. 99-114.

SUÁREZ, Daniel H. Documentación narrativa e investigación-formación-acción en educación. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). *(Auto)biografías e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação*. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 63-86.

SUÁREZ, Daniel. Narrativas, autobiografías y formación en Argentina. Investigación, formación y acción entre docentes. In: SOUZA, Elizeu Clementino de.; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Sousa. (Orgs.). *Memória, dimensões socio-históricas e trajetórias de vida*. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EdiPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. p. 57-94. (Coleção Pesquisa (Auto)biográfica: temas transversais).

SUÁREZ, Daniel. Documentación narrativa de experiencias pedagógicas, investigación educativa y formación. In: ALLIAUD, Andrea y SUÁREZ, Daniel H. (Comp.). *El saber de la experiencia. Narrativa*. Investigación y formación docente. Buenos Aires: FFyL-UBA/CLACSO, 2011. p. 93-137.

SUÁREZ, Daniel. Docentes, narrativa e investigación educativa. La documentación narrativa de las prácticas docentes y la indagación pedagógica del mundo y las experiencias escolares. In: SVERDLICK, I. (Comp.). *La investigación educativa*. Una herramienta de conocimiento y acción. Buenos Aires: Novedades Educativas, 2007. p. 71-110.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 241-260, mai./ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

Submetido em 31/03/2018, aprovado em 12/06/2018.